

TUDO É RIO
CARLA MADEIRA

1ª edição



EDITORARECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Prefácio

[Capítulo 1](#)

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Agradecimentos

Não vou enganar você: este não é um livro para ser bebido num gole só. Carla não escreve, borda. Cada frase mais sublinhada que a outra.

Pois então deixe de lado a sede de história e leia tomando gosto, que às vezes o caldo queima a boca. A narrativa é um rio caudaloso de dor e vida, que guarda corredeiras onde menos se espera. Em suas águas turvas sopram ventos de fantasia com rajadas de verdade.

Você vai querer grifar, anotar, escrever junto. Vai fechar o livro, voltar depois de um tempo e abri-lo na fervura de quem sente e sofre.

Carla mergulha no pesadelo espesso do amor. Na loucura do tanto, na insensatez do sempre e do nunca. Tudo é intenso, tudo é muito. E a vida, como metáfora de um rio, tudo traz, tudo leva, tudo lava. Menos o amor. O amor é uma verdade à prova do tempo.

Deguste.

Cris Guerra

Ela me perguntou o quanto eu a amava.
Reuni em vidro todos os humores vertidos:
sangue, sêmen, lágrimas.
Amo você tantos rios.

Capítulo 1

Putá. Não tem outro nome para Lucy. De profissão ela era puta mesmo. Trabalhava num puteiro, vivia num puteiro. Mas não era puta só por isso. Se só por isso fosse, podia outros nomes mais respeitosos, como meretriz ou prostituta. Era puta e pronto, que essa palavra, a seco, carrega um xingamento, que quem conhecia Lucy queria logo desabafar. Tinha um jeito baixo e arrogante de provocar todo mundo esfregando o sexo sem censuras, descobrindo os seios e atirando palavras cruas encharcadas de lama. Uma beleza disputada a tapa pelos frequentadores dava a ela o poder de não bastar aos olhos: quem via Lucy queria degustar. Dizem que sabia fazer o diabo com um homem na cama. Enlouquecia qualquer um que passasse pelos seus cuidados. Não tinha um que não quisesse mais.

Lucy tinha vontades, não aceitava dó de ninguém, repelia com sadismo as senhoras cristãs que lhe ofereciam um pouco de bondade. Eu pratico o gozo e não o sofrimento, humilhava. Vivia dizendo que daquele puteiro, e talvez de todos os outros puteiros do mundo, ela era a única puta que podia ser chamada de mulher de vida fácil. Quer vida mais fácil do que a minha, uma puta que gosta de dar?

Para toda a cidade isso era uma provocação sem tamanho, qualquer pessoa de bem tolera as putas, com a condição de sentir pena delas. Lucy, dona demais de si mesma, privava as mulheres de família do exercício da compaixão. Provocava com isso desejos profundos de inferno. As senhoras mais respeitadas se uniam para exigir de Deus que tornasse difícil a

vida fácil dela. Se achavam com poderes de julgar e condenar a indecente.

Muitas dessas senhoras tinham em casa maridos que assistiam mudos à ira contra Lucy. Mais a raiva delas aumentava, mais a fama de Lucy crescia. Os homens adoeciam de uma curiosidade científica por ela, vulgarmente conhecida como tara. Se enfileiravam dispostos a qualquer migalha. E como a fome faz mais pela cozinheira do que os temperos, a puta mais vulgar do mundo gozava fama de preciosidade, faturando alto todo dia.

Nesse vai e vem de tudo quanto é cor, posses e credos, é difícil acreditar que Lucy tenha caído de amores logo por Venâncio, marido de Dalva. Venâncio foi frequentador da Casa de Manu quando atravessou o deserto de ser sozinho. Um homem triste, pesado, que carregava com ele um tormento sem tamanho. Mãos de marceneiro marcadas pelos erros dos martelos e serrotes e olhos profundos de abismos por dentro. Pois foi esse sujeito afastado de qualquer vaidade, suado e maltratado, que Lucy via sem interesse e com alguma aversão, que acabou provocando nela uma paixão desmedida, daquelas vermelho-sangue, tempestuosas, que só uma puta difícil sabe permitir.

A história dos dois começa sem novidade nenhuma, é a bobagem de sempre, gostar de quem não gosta da gente. Todo mundo queria Lucy, enfrentava fila, comprava briga, gastava o ouro, fazia tudo pelo deleite de se esfregar nela. Menos Venâncio. Este chegava à zona e deitava com qualquer uma sem nem tomar conhecimento da disputaria. Ela se oferecia, ele recusava. Era um não com voz reta, não de promessa, jurado no silêncio das entranhas. Ninguém arrancava dele o motivo.

E como quem não sabe, inventa, a intriga rendeu na boca da mulherada: todas as outras queriam saber por que é que Venâncio não se deitava com Lucy. O poder inquestionável da puta cheia de si estava à beira do descrédito. O caldo grosso da inveja derramou, e o assunto foi parar nos ouvidos da rejeitada.

Pronto, foi o que bastou. Lucy se encheu de desafio, qualquer custo era o preço que pagava para levar Venâncio